

Ana Lúcia Curado, *Mulheres em Atenas: as mulheres legítimas e as outras*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 2008 (Coleção Nova Universidade). ISBN: 978-972-562-368-8.

CARLOS MORAIS, Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro¹

Publicado pela Sá da Costa Editora, este livro aborda uma temática muito em voga e, por isso, do agrado de um qualquer leitor curioso por questões de cultura antiga — a análise do estatuto da mulher na Atenas clássica².

Por terem ousado editar esta obra, em tempos algo avessos à divulgação e recepção de assuntos relativos à Antiguidade, são merecedoras de aplauso quer a Sá da Costa Editora quer a Fundação Agostinho Fernandes. Nesta área do saber, a qualidade do estudo, inquestionável neste caso, como tentaremos evidenciar, e o tema tratado, por mais actual que seja, não bastam muitas vezes para convencer editoras de natureza comercial a arriscar. Os receios são sempre muitos e, não raras vezes, suplantam o gosto e o dever de divulgar a cultura. Dignos de elogio são igualmente a qualidade da apresentação gráfica, simples mas agradável, e a cuidada revisão da responsabilidade de António Esteves. Mas os maiores encómios vão, como é natural, para a autora, pela escrita deste estudo rigoroso e ponderado, que evita generalizações fáceis ou conclusões precipitadas sobre um tema tão complexo e sensível.

Ana Lúcia Curado é docente e investigadora na Universidade do Minho, na área de Estudos Clássicos, tendo publicado, ao longo da sua carreira académica diversos ensaios e livros, dos quais destacamos *Antiguidade e Nós*. *Herança e Identidade Cultural* e *Cartas Italianas de Verney*, saídos do prelo,

¹ cmorais@ua.pt

² Texto apresentado no lançamento do livro em Aveiro, na Livraria Buchholz, a 29 de Maio de 2009.

respectivamente, em 2006 e 2008. Posterior, este extenso ensaio toca áreas tão díspares como a religião e a moral, a sociologia e a história do direito privado na Grécia antiga. Integrado na coleção "Nova Universidade", tem por base a tese de doutoramento da autora, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2004, sob a orientação da Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, que assina um breve mas esclarecedor prefácio que sublinha os méritos do estudo.

A fim de tornar o conteúdo desta sua investigação académica mais acessível a um público não-helenista, a autora cuidou de reelaborar e aligeirar o texto inicial, dando-lhe a forma de ensaio. Assim, expurgou-o de todas as citações dos originais gregos, mantendo apenas as excelentes traduções de sua autoria ou transliterando conceitos e expressões da língua de Homero; retirou-lhe as discussões excessivamente técnicas e a grande maioria das notas de rodapé, incluindo muitas das citações no corpo do texto; e reduziu a bibliografia consultada ao essencial. O resultado foi um livro que consegue o equilíbrio, nem sempre fácil, mas necessário em obras de divulgação, entre a erudição e um estilo simples e escorreito que instiga à leitura quem se interessa por estes assuntos, seja especialista ou não.

Mas o estímulo à leitura começa, desde logo, no sugestivo e apelativo título — *Mulheres em Atenas* — que substitui o mais académico que figurava no texto da dissertação — *A mulher segundo os oradores áticos* — e prossegue nas criteriosas sínteses escolhidas para a contracapa e respectiva badana, que apresentam e delimitam o tema no tempo e nos textos tratados.

O título é sugestivo e apelativo, insisto, porque traz à memória dos potenciais leitores, sobretudo dos da minha geração, esse belíssimo texto de Augusto Boal e de Chico Buarque de Holanda — *Mulheres de Atenas* —, musicado e cantado pelo segundo para uma peça teatral com o mesmo nome, escrita pelo primeiro. Numa toada repetitiva e cíclica, típica de ladainha, que

sublinha ritmicamente o sentido do texto, Chico Buarque, com a sua voz inconfundível, canta a vida desafortunada, rotineira e subserviente das atenienses de antanho que não tinham gosto ou vontade, nem defeito, nem qualidade, nem sonhos: só presságios e medo. Ora amadas, ora fustigadas e substituídas pelas outras — as falenas —, essas mulheres de Atenas (expressão que se repete como um refrão) viviam, esperavam, sofriam, amavam, geravam, temiam e, já em fim de ciclo, secavam pelos seus maridos, os heróis e amantes, o orgulho e a raça, o poder e a força de Atenas.

Esta música e letra que ouvi, vezes sem conta, na minha juventude, apresenta a visão estereotipada da vida das atenienses, construída ao longo de séculos e comumente aceite, que não coincide totalmente com a perspectiva crítica, despida de preconceitos e de paradigmas, que Ana Lúcia Curado apresenta nas mais de 500 páginas do seu estudo, que se lêem de um fôlego. É inquestionável que as mulheres eram seres débeis, que viviam confinadas ao seu *oikos*, na dependência do seu pai, enquanto solteiras, e sujeitas ao marido, depois de casadas. É também indiscutível que não possuíam nem força política nem voz pública, já que não podiam falar nem votar na *ekklesia*, ou seja, não eram cidadãos no pleno sentido da palavra. Mas isso não significa que devemos ficar-nos por estas afirmações genéricas e fixar-nos, assim, nesta perspectiva multissecular cristalizada, que a autora sugestivamente apelida de “paradigma vitoriano da mulher grega porque valoriza apenas os seus aspectos mais morais e conservadores” (p. 13). O papel da mulher na sociedade ateniense, nem sempre fácil de avaliar, porque envolto em muitos silêncios e distorcido por uma visão masculina da sociedade, é bem mais complexo, como atestam alguns testemunhos iconográficos da cerâmica ática. Referidos pela autora, estas pinturas (algumas delas reproduzidas na obra) ilustram o quotidiano da mulher a cruzar-se com o do homem na praça pública ou na rua, contrariando assim a ideia de que a vida feminina se circunscrevia às

quatro paredes do gineceu. Mas outras fontes, quando analisadas com rigor e sem esquemas ou ideias preconcebidos, confirmam igualmente que há mais mulher no *oikos* e fora dele. É o caso dos discursos dos oradores áticos, aos quais a autora vai buscar os principais dados, nem sempre fáceis de analisar, para fazer um retrato audacioso da vida das atenienses entre o último quartel do séc. V a.C. e o dealbar da época helenística. São 106 os discursos, criteriosamente seleccionados de acordo com as temáticas a abordar, que estão na base das sábias e ponderadas conclusões deste estudo. Pertencem aos dez oradores que constam do cânone alexandrino — Antifonte, Andócides, Ésquines, Licurgo, Hiperides, Dinarco e, sobretudo, Lísias, Isócrates, Iseu e Demóstenes, leque de autores que se alarga ainda a Apolodoro, considerado por Pearson “o décimo primeiro orador ático” (p. 17). Ao representarem a sociedade grega “sem o verniz do normativo, seja ele literário, filosófico ou político” (p. 22), estes textos de argumentação jurídica, através da apreciação crítica de casos concretos da vida privada, dentro e fora de portas, consentem que se conclua que as mulheres afinal tinham opinião e um poder efectivo de influência, exercido a maior parte das vezes no silêncio do *oikos* (p. 23), que é a expressão e a afirmação do seu modo de vida.

Mas, dada a ausência de registos, quer dos argumentos contrários, quer das decisões do tribunal, esta análise, baseando-se na versão parcial de uma das partes em litígio, que tinha como objectivo ganhar o processo judicial, exige uma abordagem prudente, nem sempre fácil. Assim, no respeito por este princípio básico, numa investigação em que as fontes são escassas ou até omissas, a autora faz preceder sempre o estudo dos diferentes casos de uma minuciosa e bem fundamentada exposição teórica, muitas vezes acompanhada de *stemmata* ou árvores genealógicas que ajudam à melhor compreensão das relações familiares dos envolvidos nos processos judiciais. E para aclarar muitos dos factos com exemplos, recorre com frequência ao seu confronto com

representações da vida diária na cerâmica pintada e em textos de tragédia (Eurípides), de comédia (Aristófanes e Menandro), de prosa (Xenofonte) e de filosofia (Platão e Aristóteles).

Através de uma visão essencialmente masculina, proporcionada pelo elenco de autores atrás referidos, a vida da mulher na Atenas clássica é analisada pela autora dentro e fora do casamento. Duas perspectivas que justificam a divisão da obra em igual número de partes, sintetizadas no adequado subtítulo: *As Mulheres legítimas e as Outras* — aquelas que Chico Buarque, no poema atrás referido, sugestivamente apelida de “falenas” e às quais os homens costumam “buscar carinho quando se entopem de vinho”.

Na primeira parte, dedicada às relações conjugais, a mulher é apresentada como responsável pela gestão da economia do lar e pela distribuição de tarefas domésticas, tendo como principal missão conferir legitimidade ao casamento e à descendência e ainda apoiar o homem em todas as suas tarefas.

Capítulo a capítulo, e seguindo sempre uma mesma estrutura, com uma introdução teórica seguida de estudos de casos jurídicos, podemos acompanhar todas as etapas do processo de negociação do casamento, tido como uma norma de vida social, que fortalecia os laços entre famílias, valorizava a mulher aos olhos da sociedade e consolidava a sua condição e legitimidade. Não obstante o casamento ser o resultado de um negócio, a mulher, ao contrário do que normalmente se pensa, podia ser consultada, como se pode verificar pela leitura dos discursos de Iseu sobre as heranças de Diceógenes e de Ménecles. Aspecto fundamental desta negociação era o dote. Sendo um importante contributo para o património e para a economia doméstica, o dote constitui uma garantia de união, que impede muitas vezes o divórcio, porque, no caso de o homem solicitar a separação conjugal, isso implicaria a imediata restituição dos bens doados.

Mas a dissolução do casamento era possível e acontecia, tendo como causa o adultério (caso de Alcibíades e de Hipareta,

relatado por Andócides, 4. 13-14) ou a infertilidade (caso de Ménecles e da filha mais nova de Epónimo de Acarnas, referido por Isócrates, 2.7-9), resultando estas situações normalmente num segundo matrimónio e no conseqüente estabelecimento de novos laços familiares. Em qualquer dos casos, a perspectiva feminina sobre o divórcio é sempre filtrada pela visão masculina dos acontecimentos. Outra coisa não seria de esperar em discursos de teor jurídico escritos por homens, numa comunidade e num espaço forense dominado também por homens.

A par destas temáticas, devidamente fundamentadas com exemplos concretos da sociedade ateniense, a autora aborda ainda, nesta primeira metade do livro, questões relacionadas com as heranças e o direito sucessório e com as obrigações e deveres das mulheres, que viviam uma vida de silêncio na dependência continuada de um *kyrios*, ou seja, de um tutor, fosse ele o pai ou o marido.

Na segunda parte do ensaio, dedicada às relações extra-conjugais, a mulher descrita é a adúltera, passível de ser repudiada pelo marido (capítulo 2), mas é também e sobretudo a “outra”, a habitual companheira do homem, alvo da crítica e da desconfiança da legítima (*gyne*) — a esposa, a mãe, a guardiã do lar (capítulo 3). Esta “outra mulher” podia ser ou concubina (*pallake*), habitualmente de baixo estatuto social, mas geralmente aceite do ponto de vista jurídico, ou cortesã (*hetaira*), geralmente culta e de nível social elevado, vocacionada para proporcionar sedução, paixão e erotismo, ou ainda prostituta (*porne, pornidion*), de costumes e práticas dissolutas. Era normalmente estrangeira, liberta ou escrava, gozava de uma maior liberdade e vivia numa união não conjugal com o homem — duradoura no primeiro caso; mais ou menos fortuita nos outros dois. Nestes relacionamentos, esta companheira dava o prazer que o homem procurava fora de casa e, em troca, obtinha uma relativa estabilidade que, em certos casos, se aproximava da que tinha a mulher de família (cf. pp. 370 sqq.).

Exemplo máximo de licenciosidade, de luxúria e de liberdade abusiva é Neera, retratada no discurso “Contra Neera”, atribuído a Apolodoro. Numa análise perspicaz, com constantes remissões para textos de outros autores e de outras épocas, feita no capítulo IV, intitulado “A mais velha profissão do mundo: um caso singular”, a autora conclui que “a imagem pública de Neera atravessa o decorrer dos séculos e o seu nome próprio toma o conteúdo semântico da sua prática de vida”. E prosseguindo o seu raciocínio, afirma ainda, na mesma p. 418:

mencionar o seu nome passa a designar a cortesã e a concubina, a mulher que vive usufruindo do prazer do seu corpo. Identificado com o seu modo de vida, o nome de Neera passou a ser sinónimo de desejo de liberdade, de sensualidade e de sedução femininas, mas ao mesmo tempo a sua forma de vida é utilizada para a condenação pública da luxúria.

Igualmente alvo de censura é o comportamento do prostituto Timarco, no discurso *Contra Timarco*, de Ésquines, exaustivamente analisado no capítulo seguinte (V: O discurso contra Timarco e a presença do feminino). A razão para a inclusão desta figura masculina num estudo sobre mulheres prende-se com o facto de a prática da homossexualidade por Timarco “corresponder essencialmente a um tipo de relacionamento extra-conjugal, com constantes referências ao parceiro heterossexual traído em benefício do homossexual” (p. 461). Além disso, a sua relação homossexual é caracterizada através de práticas fundamentalmente femininas, podendo o seu modo de vida ser comparável ao de Neera. É que Timarco é acusado de ter um comportamento sexual desviante, que o aproxima de prostitutas femininas: vida promíscua, desejo intenso de riqueza e de vida luxuosa e desempenho de papéis que imitam a vida dos casais legítimos” (p. 466). Ou seja, a representação do comportamento homossexual, com um elemento activo e outro passivo, é feita tomando como modelo as relações heterossexuais. Deste modo, a análise deste discurso revela-se pertinente neste ensaio que, não só neste

capítulo, como em outros, faz adequadas e ponderadas aproximações à actualidade literária e fílmica.

A esta actualidade junta-se ainda a interessante e recorrente ideia de que os homens com quem as atenienses se relacionavam e de quem dependiam “tinham consciência de que coabitavam com seres semelhantes a eles, dotados de opinião e demasiado importantes nas suas vidas para poderem ser esquecidas, embora as leis e o costume as fizessem ficar muitas vezes olvidadas no silêncio do *oikos*” (p. 495)

A actualidade e a novidade de algumas conclusões deste ensaio de Ana Lúcia Curado, deduzidas da análise fundamentada de mais de uma centena de discursos dos oradores áticos, fazem-me, assim, recomendar a sua leitura, sobretudo, a quem se interesse por assuntos da Antiguidade e por um tema tão sedutor como é o da posição social da mulher na Atenas Clássica.

Cataldo Parísio Sículo, *Epístolas. I Parte. Fixação do texto latino, tradução, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, 699 pp. [ISBN: 978-972-27-1785-4].*

ANTÓNIO ANDARDE, Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro³

Esta primeira parte das *Epístolas* de Cataldo Parísio Sículo, que contém o núcleo mais antigo, dado à estampa em 1500, conclui a publicação integral da correspondência deste insigne humanista siciliano, porquanto foi antecedida pela segunda parte, no ano de 2005.

Não é por demais acentuar que a conclusão desta obra notável representa o corolário de uma longa e profícua carreira de investigação dedicada pelo Doutor Américo da Costa Ramalho ao

³ aandrade@ua.pt